

DOSSIÊ: EDUCAÇÃO & EDUCAÇÃO POPULAR

Dossier: education & popular education

*Claudio A. Barría Mancilla

*Organizador do Dossiê: Educação & Educação Popular

E-mail: clau.barría@seessarua.org.br

Ao pensar em educação, vem logo à nossa mente a Escola¹. Todavia, ao pensar a Escola para/das/com as classes populares, nos perguntamos de que Escola falamos? Em um momento em que a forma Escola é questionada pela teoria social² e pela prática educacional, no contexto de crise da racionalidade que lhe deu origem e da legitimidade dos seus agentes, podemos minimamente perguntar até que ponto a educação, nas sociedades ocidentais e ocidentalizadas, não está prisioneira à forma escolar, aprisionando assim, por sua vez, o pensamento crítico sobre educação. A partir de uma perspectiva outra que assuma abertamente uma intencionalidade prospectiva sobre a sorte dos educandos das classes populares e a possibilidade de incluir a escola na construção de um outro mundo possível, cabe nos questionarmos pelo custo de não arriscarmos pensar a educação para além da Escola. Ao colocar isto, não levanto aqui discutir educação sem pensar a Escola, conforme exposto por teorias que a priori propõem a supressão da instituição escolar³. Muito pelo contrário, proponho discutir Escola porque



FOTÓGRAFO: RODRIGO OÑATE

pensamos educação no mundo, aqui e hoje, assinalando que esta perspectiva geolocalizada, o reconhecimento da sua espaço-temporalidade, exige um tensionamento do lócus da reflexão sobre educação, tencionando um giro epistêmico.

Sim, pensamos e discutimos a Escola, mas nos interessa a Escola não

por considerá-la fundamental em si, na sua forma atual, modo de ser da transmissão de saberes na moderno-colonialidade, mas porque é nela que se educam, hoje, as crianças, adolescentes e jovens das classes populares, é lá que se alfabetizam os homens e as mulheres trabalhadoras e trabalhadores, e são eles e elas que estão no centro da nossa

1 Ao falar de Escola, assim, como uma, com maiúscula, faço referência à forma escola moderno-colonial, construída sob os princípios do Iluminismo e do Positivismo, que herdamos da tradição europeia como parte da institucionalidade do Estado Euro-Brasileiro (como aprendemos com Ramon Grosfoguel a entender a natureza dos estados-nações da Nossa América), e que reproduz a sua forma-função com base nessa herança, isto é, que exerce seu poder e sua autoridade, como estrutura estruturada e estruturante, como viés da sua moderno-colonialidade.

2 Neste sentido é interessantíssimo o texto dos sociólogos franceses Guy Vincent, Bernard Lahire e Daniel Thin "Sobre a história e a teoria da forma escolar". Os originais foram extraídos do capítulo introdutório da obra coordenada por Guy Vincent, *L'Éducation prisonnière de la forma scolaire? Scolarisation et socialisation dans les sociétés industrielles*.

3 Refiro-me a teorias como a do educador austríaco, ligado à corrente anarquista-cristã, Ivan Illich, que, na década de 1970, passou a propor "uma sociedade sem escola".

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/10

56

preocupação. É do nosso compromisso político-afetivo, humanizado na relação educador-educando que nasce a nossa renovação ético-política para a ação-reflexão (DUSSEL, 2000). Assim, se nos ocupa a Escola, é porque o que nos preocupa é a educação e o modo como ela pode contribuir com a libertação efetiva dos nossos. Enquanto ação dialógica entre pares que se libertam. Nasce daí também uma perspectiva da pesquisa que percebe a complexidade e diversidade de escolas que cotidianamente se reinventam dentro e fora da forma Escola que conhecemos. Não se trataria então de pensar uma educação sem Escola, nem de pensar a educação apenas na Escola, mas de pensar a Escola para além da Escola, inserida como está no complexo devir de sociedades contraditoriamente atravessadas pela lógica do capital e pelas forças múltiplas e diversas que, no cotidiano, a ele se opõem, tensionando-o. De qualquer modo e para além das nossas boas intenções, e de ufanismos messiânicos salvacionistas, o desafio de pensarmos a nossa prática pedagógica em movimento contínuo de produção

de uma teoria-prática da educação, em coerência com as mudanças que o mundo vem apresentando, está posto para todos nós, educadores e educadoras engajados na construção de um mundo melhor.

Neste movimento, o campo dos estudos sociais aplicados à educação se amplia e consolida como espaço radicalmente interdisciplinar privilegiado para o diálogo de saberes. Mas quais ferramentas usamos para a nossa análise? Qual a fonte da qual bebemos para pensar as relações na escola? Quais os limites do possível ao projetarmos um currículo ou um plano político-pedagógico? Com que olhos, afinal, olhamos para o cotidiano dos processos de ensino e aprendizagem?

O pensamento social clássico, ao analisar as formas de dominação - notadamente, a forma escolar como parte de estruturas estruturantes que reproduzem seu poder simbólico como instrumentos de distinção - subordina a complexidade de trajetórias e narrativas produzidas pelos sujeitos - ativos, intersubjetivos, que operam nessa realidade - à lógica analítica da

própria narrativa sociológica que, assim, se nega como tal. Assim também, a leitura sociológica que insiste em buscar invariantes estruturais que nos permitam conhecer o modo universal da dominação, definindo modos de consciência para sua perpetuação, seu aperfeiçoamento ou mesmo a sua superação (que constituem os matizes entre as sociologias de Weber, Durkheim e Bourdieu, para citar os mais expressivos), constitui-se, deste modo, em condição para a reprodução da própria lógica do pensamento social clássico moderno, eurocêntrico e atravessado pelo viés da colonialidade, tendo como consequência aquilo que Boaventura de Souza Santos vem chamando de “o desperdício da experiência”.

Torna-se necessário desler, como nos convida o poeta Mario Quintana, como condição de ir além do aparente esgotamento da teoria, que é, na verdade, a urgência por “uma teoria que dê conta”, construída no movimento da mudança, da luta, do cotidiano; esgotamento da teoria que é, afinal, o esgotamento da narrativa de um ponto de vista, o ponto de vista da única história⁴, o ponto de vista do grande costume⁵.

Seja ao pensar as políticas públicas sobre o espaço da cidade a partir do olhar daqueles que mais sofrem suas consequências e menos ouvidos são - crianças, adolescentes e jovens de classes populares -, como nos propõe Paula Vargens, seja na pesquisa engajada sobre a trajetória dos pré-vestibulares populares apresentada por Elizabeth Serra, descortinando a articulação entre a educação popular e os movimentos sociais, ou, então, por meio da reflexão crítica sobre o uso da Geografia escolar e a produção de sentidos para a existência,



FOTÓGRAFO: RODRIGO OÑATE

⁴ Faço referência à palestra da escritora nigeriana Chimamanda Adichie: “O perigo de uma única história”.

⁵ No original “La gran costumbre” constitui uma metáfora e uma analogia central nos escritos de Julio Cortazar (1963), com a qual faz referência ao sentimento de continuidade da ordem estabelecida no cotidiano da vida urbana nas sociedades do capital.



FOTÓGRAFO: RODRIGO OÑATE

de modo a (re)pensar essa disciplina a partir da escola e não para ela, ao seu modo, cada um dos textos que compõem este dossiê segue a trilha de desconstruir para ir construindo um saber urgente e necessário, para além do saber do que sabem, ao encontro do saber do outros, dos de baixo, dos condenados do sistema, como dizia Florestan Fernandes, parafraseando Fanon. Na sua especificidade e diversidade, cada um desses textos se complementa de modo sinérgico, alimentando uma urgente reflexão crítica sobre o pensamento social clássico, buscando ampliar o seu olhar sobre a nossa sociedade a partir dos saberes das classes populares, notadamente daqueles que, ancorados ou se desprendendo de processos de ensino-aprendizagem no contexto das classes populares, alimentam reflexões sobre o nosso

estar no mundo.

Com efeito, um deslocamento epistêmico, e não apenas uma ação de assistência, é o que nos propõe Paula Vargens ao colocar o que considera ser a imprescindível necessidade de se pensarem as políticas para a situação de rua com as crianças e adolescentes que nela estão e não mais apenas para elas, políticas até hoje tão hegemonicamente sob a lógica da caridade ou da segurança pública, moldada esta na criminalização da infância pobre. Por sua vez, a análise apresentada por Serra nos chama a atenção sobre as mudanças que ocorrem num campo que, para além de ser apenas objeto de estudo das ciências sociais, constitui-se em sujeito ativo que vem produzindo práticas e teorias pedagógicas a partir da subalternidade, como é o caso das experiências de núcleos de pré-

-vestibulares populares urbanos que abordam, dentre outras, a questão da democratização do acesso ao ensino superior. A rua, a cidade, o espaço urbano reinventado pelos usos e pelas políticas instituídas e instituintes, e especialmente as trajetórias e interações daqueles e daquelas que ali estão, são todos elementos que exigem, como nos propõe Marques, pensar uma Geografia escolar que se apresente como mais do que um campo de aplicação de conhecimentos predeterminados, mas um campo onde os conhecimentos acadêmicos sejam sólidos e consistentes para possibilitar diálogos com os saberes cotidianos, produzindo formas e sentidos outros para uma Geografia a partir da escola – numa opção epistemológica e por isso política.

Referências bibliográficas

ADICHIE, C. *O perigo de uma única história*. Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html ou <http://meujazz.files.wordpress.com/2010/05/adichie-chimamanda-ngozi-o-perigo-de-uma-unica-historia.pdf>. Acesso em: 23/09/2011.

CORTAZAR, J. *Del sentimiento de no estar del todo*. 1992, p. 32 -36. DUSSEL,

VINCENT, G. (Coord.). *L'Éducation prisonnière de la forma scolaire? Scolarisation et socialisation dans les sociétés industrielles*. Lyon: PUL, 1994, p. 11-48.

_____; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. Tradução de Diana Gonçalves Vidal (USP), Vera Lúcia Dias Gaspar Silva (UFSC/USP) e Valdeniza Maria da Barra (PUC/SP). Revisão de Guilherme João de Freitas Teixeira. In: *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, jun/2001, p. 7-47.